

40 ANO

JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

Ano XI Número 1101 De 19 de novembro a 1 de dezembro de 2020
Portugal (Cont.) €3,30 Quinzenário Diretor José Carlos de Vasconcelos



CRUZEIRO SEIXAS
O SURREALISTA
de corpo inteiro

7 PÁGINAS

ANTÓNIO DAMÁSIO

NO PRINCÍPIO ERA A VIDA

O grande cientista vai publicar um novo livro, *Sentir & Saber*, e dele, e muito mais — da atualidade, da pandemia ao populismo e ao que escreve — fala ao JL. Entrevista de Maria Leonor Nunes, pré-publicação e texto de Carlos Fiolhais

PÁGINAS 17 A 21

GONÇALO RIBEIRO TELLES

O arquiteto-cidadão que tornou Portugal mais 'verde' e melhor

Artigos de Fernando Santos Pessoa e Viriato Soromenho Marques PÁGINAS 111

Retrato de um homem com rabo de cavalo

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Os seres que se destacam por um dom robusto, que consagram a vida às criações do seu talento e deixam em herança uma obra assinalável que resiste ao tempo, o Artur Cruzeiro Seixas pelo legado que transmite pertence com certeza a tal classe, foram também indivíduos, cujas ações particulares em nada se diferenciam daquelas que todos conhecemos. As obras do talento, as criações do trabalho e do génio pertencem a uma comunidade e fazem parte do cabedal humano comum e geral, enquanto as ações do indivíduo - comer, beber, amar, viajar - de tão particulares só lhe pertencem a ele.

No caso dos grandes criadores a nossa atenção recal antes de mais nas obras que nos legaram. São elas que estariam, que permanecem e que dão um contributo decisivo à evolução social. Qual o lugar das particularidades do indivíduo que nos legou tais obras? Qual o seu papel e qual o seu interesse? Em que medida é que essas particularidades podem ou não determinar os poemas que escreveu, as batalhas que ganhou, os quadros que pintou, os problemas que resolveu? É provável que a vida dum ser que nos legou ideias, obras e factos que fazem parte do património duma comunidade e até do da humanidade geral seja idêntica à de todos nós. Todos temos uma biografia recheada de anomalias, de singularidades, de inconsciências e de inconveniências que tanto têm de delicia como de capricho. Por isso os biógrafos mais instintivos e puros puderam escrever biografias curiosíssimas de gente anónima e obscura que nunca escreveu uma linha nem deu qualquer contributo para o bem coletivo.

Tive ocasião de conviver o seu tanto com Cruzeiro Seixas. Quem o conheceu sabe que ele gostava de falar e de falar de si. Havia histórias que se repetiam e que funcionavam como um cartão de visita. A mais incisiva e a primeira com que se apresentava - conheci-o depois do regresso do Algarve, há 20 anos, já ele estava consagradíssimo - era o seu ponto de honra. Nunca entrecueira com a pintura e, o que era supino, sempre dera mais desenhos do que aqueles que vendera. Dar em vez de vender e quase não ter conta no banco eram os seus principais motivos de orgulho. A simplicidade era tão acentuada, punha nela uma tal intenção, uma tal intensidade de expressão, que por vezes mais parecia irreverência, insolente à força de humildade, disse dele um dos seus



próximos, o francês Édouard Jaguer - um dos fundadores do movimento COBRA.

A segunda história que o Artur gostava de contar, e que nunca deixava de lado, dizia respeito à sua obra. Toda a sua criação fora feita em cima de calentes, ao telefone ou dentro da gaveta da secretária às escondidas dos vários superiores hierárquicos que foi tendo no curso da vida, os últimos na Secretária de Estado da Cultura do Algarve, onde se reformou pouco antes dos 70 anos. Era hábito seu dizer que a sua obra era constituída por "papelinhos". Gabava-se de nunca ter tido atelier nem cava-

lete. Recordava assim o estatuto de artista - palavra que tinha por insultuosa. Nesta linha viuam algumas outras histórias, como a ter reprovado dois anos seguidos na disciplina de desenho na Escola António Arroio. Segundo ele, nada aprendera na escola e os primeiros rudimentos de desenho, as primeiras técnicas que bebêra fixara - a ver desenhar a carvão o seu colega de carteira António Domingues - filho do anarco-sindicalista Mário Domingues, o camarada de Manuel Ribeiro e de Ferreira de Castro e também ele autor de romances de largo público.

No início perguntei-me até que ponto estas histórias eram uma atitude estudada. O profissionalismo do traço, o talento do desenho, o rigor da composição e a segurança das figuras, tudo parecia indicar alguém que era muito mais do que um dilettante. Era impossível que o autor de obras tão perfetistas e afirmativas, tão densas de projeção e de planeamento, com um tão complexo e estudado encaixeamento de formas, pudesse apenas socorrer-se do lápis no intervalo dum telefonema ou no interior escondido duma gaveta.

POUCO A POUCA APERCEBI-ME, porém, que estas histórias não eram ríbulas nem pose, faziam parte da singularidade do homem.



Uma das obras de Cruzeiro Seixas: "Apagava-se por trás duma delicadeza que era incapaz da mais pequena rispidez". À esq. é o objeto "O seu olhar já não se dirige para a terra, mas tem as pés assentes nela", de 1953

o lugar onde desenhava - um minúsculo retângulo no centro da sua secretária, sempre atulhada de papéis, livros, lápis, canetas, lupas, pincéis - em páginas de livros, em sobremesas de confeitaria acabadas de mochar ou a expedir, em folhas soltas e soltas. Durante anos recolhi regularmente pelo correio cartas dele recheadas de desenhos perfetistas, mas que se pareciam secretos quase espontâneos, traçados no instante em que as escrevia a secretária. Como eu desentão, se não contentes, de pessoas, Luísa Facheiro almoça e deu a almoçar aos filhos e à jovem companheira Maria Irene, na Calçada da Rainha; há quase 60 anos, um envelope de Cruzeiro Seixas. Numa terra que prezava a arte, viam-se o mal o retribui por força do desenho que lá estava e pôde assim matar a fome.

E se é hoje impossível comprovar no seu processo escolar de António Arroio os dois chamados de disciplina de desenho - consultei o processo -, ou as expulções das aulas de que se blasfemava, está lá que nunca concluiu qualquer ciclo de estudos, a não ser o mais banal, e que desde cedo, terá então 15 anos, apresentava justificativo de trabalho como marçano numa loja da Baixa. A história dos seus inumeráveis trabalhos era outro ponto de honra da sua apresentação. Enquanto os amigos podiam passar

as tardes nos cafés - o Herminio na Avenida Almirante Reis, a Cubana na Avenida da República, o Lisboa Moderno e outros - ele tinha de dobrar a cerviz para ganhar ordenados de miséria, isso que o antropólogo David Graeber, acabado de falecer, chama *bullshit job* e que é a tragédia daquilo que hoje se chama trabalho.

Passado esse adro das aprendizagens, entrava-se na intimidade da sua casa. A altivez das suas declarações, o garbo e até a artificialidade que nelas punha, ficava para trás e dava lugar a uma simplicidade de maneiras que não banalhava menos. Fazia questão em servir bolos, brindar com um gole de vinho, beber licor, folhear livros e mostrar estampas. Apagava-se por trás duma delicadeza que era incapaz da mais pequena rispidez. Foi num momento assim que Mário Cesariny lhe deu cetro, coroa e trono, batizando-o ternamente "Rei Artur".

Contava ainda histórias, como a daquele mecânico que descobriu numa viagem ao Norte o que se entendia a fazer figuras cômicas com as pernas e os parafusos da sua oficina, ou a relação carinhosa que tinha com os pais, ou ainda a história dos seus engates, que se resumiam para ele à história exaltante com que procurava sempre o Amor sublime e louco. Nada lhe dava tanto prazer, nada lhe iluminava tanto o rosto como recordar aquele marinho com quem fizera amor pago numa pensão do Cal de Sodrê e que depois da hora marcada se voltou para ele e lhe disse que a partir dali era por paixão.

A mãe fora a primeira admiradora dos seus traços. Em casa, em fim, pendurava com molas os seus desenhos que assim ficavam em exposição. Quem assim teve uma mãe, pôde durar, sem nunca se magoar com a vida. Ardia num fogo macio e doce, nada brusco, nada violento, mas que não eletrizava menos - um fogo voluptuoso que durava e não se extinguia. Tinha a serenidade, a timidez, a força e o fôlego dum cavalo - o seu emblema totemico por excelência nas voltas da vida e nas metamorfoses da arte. Wellichava alto nas noites quentes e africanas do mundo e por isso num dia cartão de fogo, excitante de sol e luz, ele, o sagitário das setas de ouro, o sonador diurno e acordado dos grandes literais imaginados, ergueu os olhos ao alto e gritou imperativamente à solidão do céu - Tu falo em chamas, a

Apagava-se por trás duma delicadeza que era incapaz da mais pequena rispidez. Foi num momento assim que Mário Cesariny lhe deu cetro, coroa e trono, batizando-o ternamente "Rei Artur"